

A viravolta machadiana: um ponto sem nó

Machado's turn: an untied knot

Ednaldo Cândido Moreira Gomes*

ednaldocandido@unifesspa.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO: Neste artigo, discute-se, em primeiro lugar, algumas questões que envolvem a poética da emulação em Machado de Assis, hipótese-chave e explicação alternativa do crítico João Cezar de Castro Rocha para uma das questões mais recorrentes da crítica literária do século XX, a saber: a viravolta machadiana ficcional ou a crise dos quarenta anos. Em seguida, contrasta-se essa nova hipótese com algumas análises de prestígio da crítica literária. Por fim, propõe-se um retorno à tradição satírica em Língua Portuguesa (e não somente, como é recorrente, à sátira menipeia) para acrescentar um ponto a mais na fortuna crítica do fundador da Academia Brasileira de Letras.

PALAVRAS-CHAVE: Poética da emulação. Machado de Assis. Sátira luso-brasileira.

ABSTRACT: This article discuss, firstly, some issues involving the poetics of emulation in Machado de Assis, a key hypothesis and an alternative explanation performed by Brazilian critic João Cezar de Castro Rocha to one of the recurring issues of literary criticism of the 20th century, namely: the fictional Machadian turn or the forties crisis. Then it contrasts this new hypothesis with some prestigious analysis of literary criticism. Finally, it proposes a return to the satirical tradition in Portuguese Language (and not only, as it is recurrent, to the Menippean satire) in order to add, thus, one more point in the critical fortune of the founder of the Brazilian Academy of Letters.

KEYWORDS: Poetics of emulation. Machado de Assis. Luso-Brazilian satire.

* Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Introdução

A ampliação dos cursos de pós-graduação em Letras no Brasil permitiu aos Estudos Comparados alcançar um lugar de destaque no cenário teórico-crítico antes ocupado pela História da Literatura¹.

Essa mudança substancial tornou-se notória no instante em que a nova geração de críticos colocou em questão os parâmetros linguístico-literários nacionalistas com os quais era organizado o cânone. O que antes estava circunscrito à latitude do adjetivo pátrio (brasileiro, português, espanhol) passou a ocupar limites inimagináveis. Dentro desse cenário, é que se torna imprescindível a contribuição crítica de Benjamin Abdala Júnior, para quem o conceito amplo de comparativismo literário deve abarcar o estudo das redes complexas estabelecidas tanto no plano interno quanto no plano externo da obra literária. Tal perspectiva não está limitada aos protocolos de leitura de uma única disciplina e não está concentrada numa única fronteira nacional.

Se o prognóstico apresentado acima é profícuo à área de Letras, igualmente frutífera à literatura latino-americana é a recente hipótese-chave de João César de Castro Rocha ao analisar a ficção machadiana madura e defini-la como sendo uma poética da emulação.

Antes, porém, de se analisar as estratégias que compõem essa poética da emulação, é preciso esclarecer que as explicações acerca da viravolta machadiana – mudança ideológica (Schwarz), experiência histórica da lei de 1871 (Chalhoub), consciência da escassez de leitores (Guimarães) e apropriação irreverente da tradição (Rocha) – são complementares e constituem pontos de um bordado complexo, ou seja, partes “da explicação” (GLEDSON, 2004, p. 20) encontradas, de forma ilustrativa, no conto *Um erradio*, publicado originalmente em *Páginas Recolhidas* (1899). O exercício de leitura aqui proposto demonstra que este conto é uma síntese do procedimento

¹ Conforme dados extraídos das estatísticas das teses em Estudos Literários registradas na CAPES. Disponível em: <<http://geocapes.capes.gov.br/geocapes2/>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

artístico machadiano de releitura e rearranjo da matéria e da forma literária da qual foi mestre².

Por fim, sugere-se que o poema herói-cômico *Almada* (quase inexplorado pela fortuna crítica de Machado e praticamente desconsiderado por João Cézar de Castro Rocha) pode indicar um nicho de pesquisa pouco examinado, cujas raízes ligariam Machado de Assis à tradição satírica da língua portuguesa³.

1 Machado de Assis: por uma poética da emulação

A poética da emulação em Machado de Assis não surgiu de forma instantânea como a palavra viravolta pode sugerir; pelo contrário, ela é fruto de um lento processo de investigação e de experimentação heteróclita; identificável, sobretudo, nas crônicas e nos contos anteriores a 1880. Sendo assim, ela [a poética da emulação]

[...] equivale ao resgate moderno de práticas retóricas progressivamente abandonadas depois do advento do romantismo. Por isso, diferencio *aemulatio* – técnica definidora do sistema literário e artístico pré-romântico – e *poética da emulação* – esforço deliberadamente anacrônico, marca-d'água da literatura machadiana (ROCHA, 2013, p.11).

Com efeito, a apropriação irreverente da tradição ocidental realizada por Machado de Assis fora registrada pela pena da galhofa (no que concerne à proeminência do ficcional) e lapidada à tinta da melancolia (no que diz respeito às expectativas de um amplo público de recepção). “Mas aquilo é uma curiosidade velha, uma notícia morta. Venhamos à coisa nova, posto que velhíssima; ou antes velhíssima, posto que novíssima” (ASSIS *apud* ROCHA, p.11).

² A leitura de *Um Erradio* permite desnudarmos (e acompanharmos) uma parcela do processo criativo de Machado, qual seja: a releitura da tradição literária – eloquente e erudita –, a investigação acerca do mundo greco-latino e do processo de assimilação deliberadamente anacrônica. Tudo isso contribuiu para a releitura e o rearranjo da forma e da matéria literária da qual foi mestre.

³ A ligação entre os recursos estilísticos utilizados por Machado de Assis (autorreferencialidade, temporalidade descontínua, rigor linguístico, emulação da tradição, etc) são recursos constantemente desenvolvidos pela sátira em Língua Portuguesa, conforme pesquisa em andamento. Por ora, é preciso destacar que diferenciamos tradição satírica em língua portuguesa de sátira menipeia.

No centro dessa poética está a temporalidade assimétrica e a afluência de gêneros literários diversos que, ao serem sobrepostos, produziram as *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

[...] seus procedimentos pertencem *potencialmente* a autores de qualquer latitude. Seria absurdo, do ponto de vista do mais elementar conhecimento de história literária, limitar à condição periférica os elementos estudados [...] **fenômeno da compressão dos tempos históricos [...] primado da invenção sobre a criação [...] centralidade da tradução [...] procedência da leitura em lugar da escrita [...] noção especial de autoria** [...] a força que atribuo ao caráter anacrônico da poética da emulação depende da **articulação simultânea de todos esses procedimentos** (ROCHA, 2013. p.354, *grifo nosso*).

Ora, se é válido o prognóstico analítico de que há no conjunto da obra ficcional de Machado de Assis uma consciência criadora “deliberadamente anacrônica”, aceita-se, por extensão, que o sistema literário desse escritor é fundamentado pelo domínio da técnica e pela lapidação do talento; o que demandaria uma rigorosa disciplina e um estudo atento da tradição. Essas seriam, portanto, características de um artista-operário e não de um autor demiurgo.

A estratégia de construção ficcional desse artista-operário envolve uma concepção peculiar de sistema literário que privilegiou “o ato da leitura como gesto eminentemente inventivo” (ROCHA, 2013, p.12). A invenção, como ato produtor de sentido, estava no centro de um grande painel histórico, cujas luzes do conhecimento científico e da filosofia determinista do velho mundo impulsionavam os desejos por progresso e colocavam em xeque a miscigenação cultural reinantes no Brasil: entre Comte e Darwin, entre transporte ferroviário e animais de carga, o país sofria uma série de transformações econômicas, políticas e sociais relevantes.

À luz dessas mudanças, incorporava-se ao romance a função pedagógica de instruir e recrear o público leitor. Essa hipótese é facilmente atestada por uma rápida passagem por dois textos de *O Recreador Mineiro* (1845), primeiro jornal literário de Minas Gerais:

Sobre a instrução pública: [...] Uma explicação mui simples basta para demonstrar a necessidade e a utilidade da instrução popular, e para combater vitoriosamente, e reduzir ao silêncio

os amigos e defensores da ignorância do povo [...] se, em lugar de dar ao menino pobre uma educação brilhante, mas perigosa, estabelecer [em] sua Aldeia uma escola elementar, a que possam concorrer todos os meninos pobres, e aonde não se ensinem estudos alguns supérfluos; por certo que todos os meninos que a freqüentarem, receberão ali princípios religiosos, idéias e máximas morais, regras de bons e virtuosos costumes, todos aprenderão a ler, escrever e contar. (RECREADOR MINEIRO, Instrução popular, 15/01/1845).

Sobre o romance [...] O romance, considerado como futilidade por algumas pessoas graves, mas cuja falta de bom gosto por isso mesmo se denuncia, é entretanto o resumo fiel dos hábitos e costumes de uma nação. Quantas vezes o filósofo imparcial embalde busca a verdade na história, e vai encontrá-la no romance? Mil vezes o historiador traça a seu jeito os fatos, dá-lhe outra aparência, orna-os de outras molduras; enquanto que o romancista, parecendo entregue todo à imaginação, descreve fielmente os costumes da época, e apresenta em seus quadros as virtudes e vícios do seu tempo e povo; e deleitando, mais propende à verdade do que à história. A história com todos os fumos de antiga aristocrata, apenas demora suas vistas soberanas sobre altos casos, os reis, suas vitórias, desastres e política: o romance, menos altivo, democrata moderno, compraz-se com poucas cousas, abraça a multidão, identifica-se com o povo [...] segue a índole e caráter nacional. O observador que atente com cuidado os romances dos diversos povos e idades, tirará muitas vantagens para o conhecimento dos costumes, e alcançará o fio que lhe servirá de guia [...] no intrincado labirinto do coração humano. (RECREADOR MINEIRO, O romance, 15/01/1845)⁴.

Nesse período, a influência literária (a cultura livresca ocidental) e a matéria temática (o contexto peculiar de formação da identidade nacional) inspiraram e serviram de modelos para Machado de Assis consolidar o seu sistema literário. Vejamos, a seguir, quais as estratégias e quais os pressupostos também estariam articulados a essa poética da emulação.

2 Índícios teórico-estilísticos de Machado de Assis

Paulo Franchetti no capítulo dedicado à análise do romance *O Primo Basílio*, da obra *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*, faz uma síntese constitutiva dos pressupostos norteadores de um dos textos mais comentados

⁴ As palavras em itálico e negrito são nossos acréscimos.

da bibliografia não literária machadiana: a crítica ao escritor português Eça de Queirós.

Para se compreender o momento de publicação da crítica de Machado, é preciso retornar à época e compreender o sucesso editorial de *O Primo Basílio*. Em 1878, segundo Franchetti, uma primeira edição de 3000 exemplares esgotou-se rapidamente, o que levou a uma segunda edição revista a sair no mesmo ano de 1878. Nesse contexto de êxito editorial e à época de *Iaiá Garcia*, “Eleazar”, pseudônimo de Machado de Assis, publicava em *O Cruzeiro* uma crítica ríspida cuja estrutura se organiza desta maneira:

O artigo de Machado se organiza de modo a apontar os defeitos de *O Primo Basílio* a partir de dois ângulos principais. Por um lado, vê nessa obra uma realização de uma tendência literária que não merece a sua aprovação: o realismo de Zola. [...] considera que os livros têm defeitos de composição e de realização, seja na forma de construir os personagens, seja na forma de compor a trama, seja ainda na maneira de conduzir a narração (FRANCHETTI, 2007, p. 143-144).

Em suma, mesmo não deixando claro o seu pensamento teórico literário no conjunto de suas obras, Machado de Assis nos fornecia pistas importantes de seu fazer literário quando renegava a moda naturalista de Zola e afirmava estar o gosto público deturpado pelas importações francesas:

[...] Não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis. Pela primeira vez, aparecia um livro em que o escuso [...] e o torpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exaçaõ de inventário [...] Porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha [...] Resta-me concluir, e concluir aconselhando aos jovens talentos de ambas as terras da nossa língua, que não se deixem seduzir por uma doutrina caduca, embora no verdor dos anos. Este messianismo literário não tem a força da universalidade nem da vitalidade; traz consigo a decrepitude (ASSIS, 1986 [1878], p. 904-913).

O historiador Sidney Chalhoub interpreta essa passagem definindo-a como um pressuposto da produção artística de Machado de Assis; nesse sentido pode-se presumir que através de sua atividade literária o bruxo do Cosme Velho interpretava e enunciava verdades sobre a sociedade brasileira

sem reproduzi-la diretamente, ou melhor, sem pretender “espelhá-la” na conceituação naturalista⁵:

[...] A Machado de Assis, como John Gledson já sugeriu, interessava desvendar o sentido do processo histórico referido, buscar as suas causas mais profundas, não necessariamente evidentes na observação da superfície dos acontecimentos. A representação literária desses sentidos mais cruciais da história, exigia uma narrativa mais sinuosa [...] distanciamento crítico e observação perseverante tornavam-se requisitos básicos (CHALHOUB, 2003, p. 93).

Acompanhando, por um lado, o olhar moderno de Machado na tentativa de reavaliação da temática literária anterior e, por outro lado, a busca por um estilo próprio que superasse a *forma* da ficção oitocentista; estamos diante da historicidade concernente ao gênero romanesco no Brasil. O processo de institucionalização da literatura acompanhou simultaneamente a incorporação do gênero romanesco aos velhos manuais clássicos de retórica e eloquência. Por extensão, sabe-se que as bibliotecas brasileiras ainda hoje possuem alguns dos manuais de retórica utilizados no ensino do século XIX⁶. Dentre eles podemos destacar o manual de Hugh Blair⁷, um compêndio de retórica estudado por Eduardo Vieira Martins, na obra *A fonte subterrânea: José de Alencar e a retórica oitocentista*.

Hugh Blair, em *Lectures on rhetoric and belles lettres*, considerava o romance um gênero menor. Por isso, “Blair defendia que, devido ao interesse despertado entre os jovens e à sua capacidade de influenciar o gosto e a moral, o romance era digno de ser tomado como matéria da crítica. Sua principal qualidade residiria no aspecto educativo” (MARTINS, 2005, p. 80).

Ainda, para Hugh Blair, o romance seria caracterizado pela fantasia e, por isso, o seu desenvolvimento histórico deveria ser progressivo: do abandono do maravilhoso à finalidade de educar por meio da descrição de situações

5 Parece-me que Machado nesse ensaio recusa veementemente a excessiva sensualidade contida nos textos naturalistas, daí a sua preocupação com esse “espelhamento” de mau gosto importado da escola literária francesa.

6 Ver o pioneiro estudo de Roberto Acízelo intitulado *Império da Eloquência* e publicado pela editora da UERJ.

7 Como pude atestar, o manual de retórica de Hugh Blair foi amplamente conhecido não somente no Rio de Janeiro, mas também na província de Minas Gerais. A biblioteca de obras raras da Arquidiocese de Mariana, responsável – direta ou indiretamente – pela educação secundária em Minas Gerais desde os primórdios do século XVIII, possui ainda hoje cerca de 20 exemplares da obra; entre edições diferentes e traduções em línguas diversas – inglês, francês e italiano.

próximas ao real vivenciado. Como se percebe, a crença na capacidade instrutiva do romance era a mesma, como já demonstrado, do periódico *O Recreador Mineiro*. Partindo desse princípio, reitero a crença de que a credibilidade fornecida ao romance acompanhou o processo de incorporação do gênero aos manuais retóricos antigos. À primeira vista, tratava-se de um fato normal e comum, salvo pela necessidade de atribuição de um fim prático à nova e bem aceita forma do romance.

No caso específico brasileiro a finalidade educacional dada ao romance ocuparia um lugar de destaque na atividade de uma imprensa repleta de bacharéis cuja linguagem artificiosa era proeminente.

Diante desse quadro, Machado de Assis procurou se afastar tanto da retórica vazia da imprensa quanto condenou os despropósitos moralísticos de Eça:

[...] Machado [diz Franchetti] vai concluir pela ausência, no texto de Eça, de um real propósito de edificação moral, bem como de ensinamento de qualquer espécie. O que esse romance ensina, diz ironicamente Machado, é que se queremos ser adúlteros temos de escolher bem os criados (FRANCHETTI, 2007. p. 147).

A rejeição de Machado de Assis à escola naturalista europeia pode contribuir para o esclarecimento de alguns dos pressupostos seguidos pelo escritor durante o desenvolvimento de sua poética da emulação. Esse caminho de desenvolvimento literário pode ser reconhecido no conto *Um erradio* que analisaremos a seguir.

3 Caminhos machadianos: o caso *Um Erradio*

Publicado originalmente em *Páginas recolhidas* (1899), o conto revela o contato de um sujeito pobre, estudante, com um erradio pomposo; porém, erudito. A erudição, no entanto, não era utilmente empregada, pois o personagem nunca concluíra nenhum projeto iniciado: dos estudos de direito aos de medicina nada avançou. Até os dramas esboçados ou os versos rascunhados foram perdidos. Qual tinha sido o motivo de tamanha falta de sorte?

Simple assim: o excesso de pompas e a falta de disciplina.

Desde as primeiras linhas da narrativa explicita-se ao leitor a túnica pomposa usada pelo personagem. É ela, inclusive, a causa de um mote proposto por um estudante dentro da república frequentada pelo erradio Elisiário: “Podia embrulhar o mundo/ a opa do Elisiário” (ASSIS, 1986 [1899], p. 585).

Os personagens descritos no texto são compostos por estudantes e redatores/fundadores de jornais políticos/literários, os quais, por sua vez, moravam numa famosa travessa boêmia do Rio de Janeiro: a Rua do Lavradio.

Dessa aparente cena cotidiana do século XIX brasileiro, presume-se a existência de uma alegoria: o personagem Elisiário e a roupa elegante representavam a própria literatura brasileira anterior a Machado de Assis; isto é, a literatura eloquente vestida à inglesa ou à francesa. Esse aparente contorno civilizado ocultava, a rigor, o inacabamento de seus princípios, de seus livros e de suas ideias.

Outra cena, no conto, ainda merece atenção. O encontro do personagem erradio com um jovem do norte do Brasil ávido por conhecimento. Analisemos o fato ocorrido durante uma visita à república estudantil – “um país da boêmia, tudo desordenado e confuso”. No meio de todo esse turbilhão, o nosso personagem conhece o supracitado jovem rapaz do Norte com dificuldades financeiras, mas com olhos vivos e desejosos em aprender. Após conversas preliminares, Elisiário promete ao jovem: “Quero fazer de você um homem” (ASSIS, 1986 [1899], p. 587).⁸

A partir daí sucedem-se encontros propedêuticos cuja metodologia é aristotélica: ensina-se através do método peripatético:

[...] Um dia encontrei-o na Rua de S. José. Disse-lhe que ia ao Castelo ver a igreja dos Jesuítas, que nunca vira. [...] Subimos a ladeira, achamos a igreja aberta e entramos. Enquanto eu mirava os altares, ele ia falando, mas em poucos minutos o espetáculo era ele só, um espetáculo vivo, como se tudo renascera tal qual era. Vi os primeiros templos da cidade, os padres da Companhia, a vida monástica e leiga, os nomes principais e os fatos culminantes. Quando saímos, e fomos até

8 Para não ficar muito extenso, deixarei para outra oportunidade uma análise mais detalhada do personagem Elisiário, ícone metafórico da própria literatura brasileira, a meu ver. No conto esse personagem é protegido de um senhor com posses que casa sua filha e financia suas extravagâncias, quer dizer, não seria os próprios escritores pomposos e eloquentes financiados pelo império? Talvez, sim.

à muralha, descobrindo o mar e parte da cidade, Elisiário fez-me viver dous séculos atrás. Vi a expedição dos franceses, como se a houvesse comandado ou combatido. Respirei o ar da colônia, contemplei as figuras velhas e mortas. A imaginação evocativa era a grande prenda desse homem, que sabia dar vida à cousas extintas e realidade às inventadas. (ASSIS, 1986 [1899], p. 588).

Com o passar dos anos, o personagem-aprendiz, num momento de solidão, olha para uma fotografia antiga de Elisiário e tem a impressão de que os olhos do mestre olhavam “mais para dentro do que para fora”. Essa opinião, a nosso ver, apresenta a chave interpretativa do texto: para Machado era preciso reinventar as formas tradicionais da narrativa – estilo, linguagem, eloquência, temas, etc – e recolocá-los em cena de uma maneira mais universal, sem deixar de ser “homem do seu tempo e de seu país”. A saída encontrada pelo escritor foi exaustivamente descrita por João César de Castro Rocha e se chama poética da emulação.

À guisa de conclusão

Assim, chegando ao fim deste modesto ensaio, espero ter convencido o leitor de que a hipótese desenvolvida por João César de Castro Rocha é complementar às teses anteriores; no entanto, ainda é preciso considerar outro ponto neste novelo sem nó. A relação de Machado de Assis com a tradição satírica que, pela crítica convencional, se dá por intermédio da utilização de recursos próprios da sátira menipeia.

Na correspondência de Machado de Assis publicada pela Academia Brasileira de Letras em 2008, nota-se uma ligação especial entre o escritor e José Feliciano de Castilho. A sociabilidade literária entre ambos é marcada pela defesa das traduções de obras clássicas (satíricas ou não) em língua vernácula. Esse fato sugere um nó a mais a ser investigado a partir das premissas: o que significava valorizar a tradição clássica (satírica ou não) em pleno século XIX? Ela seria, por acaso, uma estratégia conjunta (e recôndita) de escritores brasileiros e portugueses de defenderem um cânone literário baseado na tradição do idioma e não nas fronteiras limitadoras da nação? Essa defesa conjunta entre brasileiros e portugueses não seria uma demarcação de

território cultural partilhado através da língua portuguesa numa República das Letras amplamente dominada pela cultura anglo-francófona?

É algo que começamos a esboçar para responder no futuro.

Referências

ACÍZELO, Roberto. *O império da eloquência*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Organizado por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 3 v.

CORRESPONDÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS. Tomo I. Coordenação e orientação: Sergio Paulo Rounet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*. Cotia: Ateliê editorial, 2007.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp, 2004.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea: José de Alencar e a retórica oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTIUS, Von. *O estado de direito entre os autóctones o Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, [s.d].

O RECREADOR MINEIRO. 1845-186. Tomo I. n. 1-48. Ouro Preto, Minas Gerais, Microfilme da Biblioteca Nacional.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

SANTIAGO, Silvano. Retórica da verossimilhança. *In: Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SAYERS, Raymond. Machado de Assis no Portugal do século XIX. *In: Onze estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 123-142.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. A viravolta machadiana. *In: Novos Estudos Cebrap*, 69, julho de 2004, pp. 15-34.

VIEIRA, Bruno V.G. José Feliciano de Castilho e a Clâmide Romana de Machado de Assis. *In: Machado de Assis em linha*. Ano 2, número 4, dezembro 2009.